



OPINIÃO SOCIALISTA



Nº634
De 12 de maio
a 26 de maio
Ano 23

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial



TRABALHADORES CADA VEZ MAIS POBRES BILIONÁRIOS CADA VEZ MAIS RICOS

Páginas 8 e 9



AMEAÇAS AUTORITÁRIAS

**Derrotar a investida golpista de Bolsonaro.
Ditadura nunca mais!**

Páginas 6 e 7

NEGROS E NEGRAS

**13 de maio: essa abolição não nos representa.
Lutar contra o racismo e por reparação** Páginas 10 e 11

INTERNACIONAL

CSP-Conlutas vai à Ucrânia em comboio de apoio à resistência Página 15

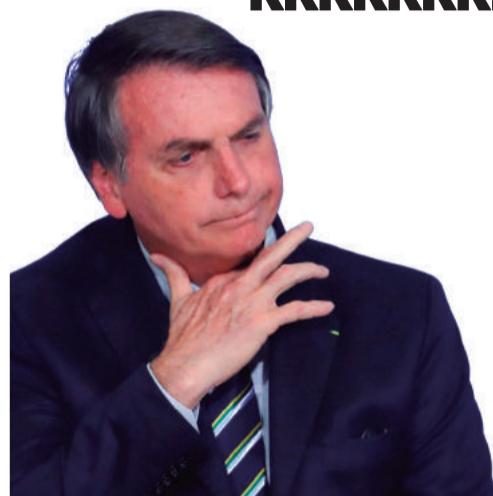


páginadois

CHARGE



**“ Que apresentação ruim
kkkkkkkkkkkkkk ”**



JAIR BOLSONARO,
emitiendo opinião
sobre o carro alegórico
da escola paulistana
Rosas de Ouro em que
um ator com faixa
presidencial toma
vacina e vira jacaré

PROMOÇÃO!
50% DE DESCONTO

REVOLUÇÃO E
CONTRARREvolução
EM PORTUGAL
25 de Abril
NAHUEL MORENO
Sundermann
011 98649-5443

SOCIALISTA Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

QUESTIONANDO AS ELEIÇÕES

Governo contrata empresa israelense de ex-funcionário de Bolsonaro

Bolsonaro segue na sua escalada golpista – movida a muita fake news – contra as urnas eletrônicas. Além de fazer uma clara ameaça em uma live nas redes sociais contra o Supremo Tribunal Eleitoral, Bolsonaro disse que uma empresa vai ser contratada pelo Partido Liberal para fazer uma auditoria privada das eleições deste ano. “Deixo claro, adianto ao TSE, essa auditoria não vai ser feita após as eleições. Uma vez contratada, a empresa começa a trabalhar, a empresa vai pedir ao TSE, com toda certeza, quantidade grande de informações. Ela vai pedir às Forças Armadas o trabalho que fez até agora”, disse. Mas a empresa em questão tem como sócio um



ex-funcionário do presidente. No dia 6 de maio, o repórter Paulo Motoryn, do Brasil de Fato, denunciou que general Héber Garcia Portella, bolsonaristas que questiona a lisura das urnas eletrônicas, contratou empresa CySource, empresa de cybersegurança israelense, para monitorar as eleições brasileiras. Mas

essa empresa tem como um de seus executivos justamente o analista de sistemas Hélio Cabral Sant'anna, que foi diretor de Tecnologia da Informação da Secretaria Geral da Presidência da República no governo Bolsonaro. Segundo a reportagem, o acordo foi assinado presencialmente em 25 de março, em Tel Aviv.

TAMANHO DA TRAGÉDIA

15 milhões morreram de covid segundo OMS

A pandemia de covid-19 causou a morte de quase 15 milhões de pessoas em todo o mundo, estima a Organização Mundial da Saúde (OMS). No entanto, a OMS acredita que muitos países subestimaram os números de pessoas que morreram de covid. Até o momento, apenas 5,4 milhões de óbitos foram oficialmente registrados. Na Índia, por exemplo, foram 4,7 milhões de mortes por covid, calcula a OMS, dez vezes maior do que as estatísticas oficiais do país e quase um terço de todas as mortes pela doença provocada pelo coronavírus no planeta. Pelo menos 15%



dessas mortes ocorreram em países de renda alta, face aos 57% de óbitos registradas em países de renda média-baixa ou de renda baixa. No Brasil a estimativa é de que a cada 100 mil vítimas, em 2020 e 2021, 160 falecimentos em mé-

dia foram subnotificados, o que faz do país um dos líderes dessa estatística atrás do Peru, Rússia, África do Sul e Índia. Muitas dessas mortes trágicas poderiam ter sido evitadas, não fosse a política genocida de Bolsonaro.

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista -
São Paulo (SP). CEP 01313-000





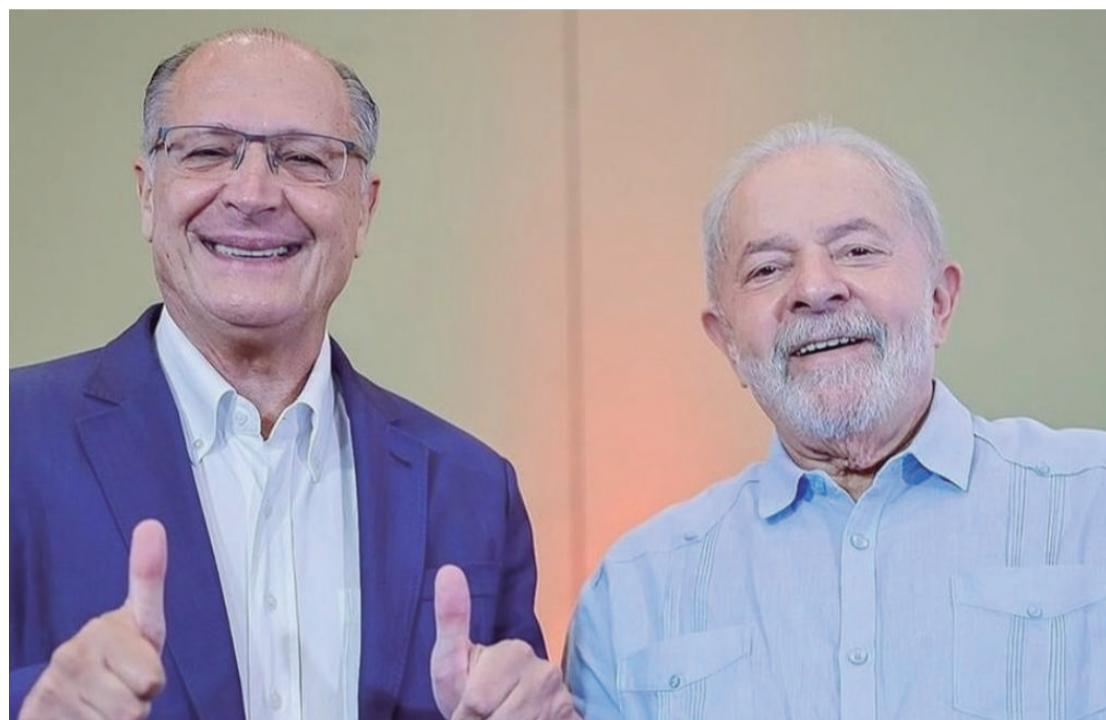
Lula com chuchu, receita aguada e ineficaz contra desemprego, arrocho e tentativa de golpe

Você se lembra do que conseguia comprar com R\$ 100,00 há poucos anos, comparado com hoje? Se você pegar um pacote de café e um de arroz já vai dar metade disso. A crise está trazendo de volta ao dia a dia dos brasileiros uma palavra muito usada no final dos anos 1970 e na década seguinte: carestia. A alta no custo de vida, a inflação e o rebaixamento dos salários não estão só nos noticiários, são uma realidade que grita a cada ida no supermercado, a cada boleto de aluguel ou sempre que acaba o botijão de gás.

O que também está aumentando é o lucro dos bancos e das grandes empresas. O bilionário Benjamin Steinbruch, presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), comemora o lucro recorde em 80 anos da empresa: R\$ 13 bilhões em plena pandemia. Enquanto isso, os operários da mineradora lutam para ter pelo menos a reposição da inflação. Já a Vale, só no primeiro trimestre, lucrou R\$ 23 bilhões, sendo que a indenização paga às vítimas do maior crime da história, o rompimento da barragem de Brumadinho (MG), foi um décimo disso.

O lucro do Itaú, por sua vez, saltou 15% neste primeiro trimestre de 2022, fechando em R\$ 7,3 bilhões. Já a Petrobras sustenta os lucros e dividendos bilionários aos grandes acionistas, estrangeiros aumentando cada vez mais os preços da gasolina, do diesel e do gás de cozinha (veja nas páginas 8 e 9).

Inflação, carestia e rebaixamento dos salários para a classe trabalhadora, lucros para as grandes empresas, os banqueiros e os 315 bilionários desse país.



FORA MILITARES DAS ELEIÇÕES! DITADURA NUNCA MAIS!

Ao mesmo tempo que piora cada vez mais a vida da classe trabalhadora, arrebenta com o meio ambiente e massacra os povos indígenas, o governo Bolsonaro aumenta o tom das ameaças golpistas. É cada dia mais escancarada a sua intenção de impor um autogolpe caso não ganhe as eleições. Apoia-se, para isso, em parte das Forças Armadas, na subserviência do Congresso Nacional e do centrão, e na covardia das demais instituições da democracia burguesa, como o Supremo Tribunal Federal.

O PT, ao invés de denunciar a tentativa de tutela das Forças Armadas nas eleições, se alia aos capitalistas e joga tudo nas urnas. Assim como frearam as mobilizações pelo "Fora Bolsonaro" para capitalizar eleitoralmente, agora dizem: "votem em Lula pela democracia". E até lá, Bolsonaro segue livre e solto para organizar sua versão nacional da invasão do Capitólio nos EUA.

Hoje, a maioria da burguesia e o imperialismo não estão a favor de um golpe. Mas não se pode confiar neles ante uma tentativa golpista, ou contra a atuação de setores armados do bolsonarismo mais adiante. Até porque, como disse o banqueiro do BNY Mellon, Daniel Tenengauzer, questionado sobre as presepadas de Bolsonaro, "o que importa aí é o Guedes". Para essa gente, não importa pandemia ou caos social, muito menos se tem ditadura ou não. O que importa é se o governo está garantindo os lucros dos bilionários.

Só a classe trabalhadora pode, com sua própria força e mobilização, se contrapor até o fim a qualquer ataque às liberdades democráticas, assim como acabar pela raiz com as condições sociais que dão base para o desenvolvimento da extrema direita.

TIRAR DOS BILIONÁRIOS

O Brasil é, apesar de toda a decadência das últimas décadas, um país rico. Não havia razão para ter 20 mi-

lhões passando fome, muito menos para a maioria dos trabalhadores não contar com emprego formal, salário digno e direitos. Mas isso acontece, justamente porque toda a economia é dominada por um punhado de grandes bancos e empresas multinacionais, que controlam o grosso da economia, incluindo o agronegócio, de quem os grandes empresários brasileiros são sócios menores e os políticos burgueses, capatazes.

Só existem bilionários porque existe gente passando fome, desemprego e carestia. Uma coisa depende da outra. É por isso que, para acabar com a inflação, o desemprego, a carestia e garantir uma vida digna à maioria da população, com salários, direitos, pleno emprego e serviços públicos de qualidade, é preciso tirar dos super-ricos.

VAMOS DE VERA

Lula e Alckmin não são a receita de mudança do país. Pelo contrário, para derrotar Bolsonaro e qualquer tentativa golpista, é

conquistar pleno emprego, salários e direitos, é preciso atacar os lucros e propriedades dos super-ricos. É preciso revogar as reformas trabalhista e previdenciária, garantindo emprego com carteira assinada, com plenos direitos a todos. Para garantir emprego e renda, é preciso ter um gatilho móvel de jornada e salários, ou seja, diminuir a jornada já, e sempre que o desemprego aumentar (dividindo o trabalho disponível a todos que precisem trabalhar), e aumentar os salários já, e de acordo com a inflação. É necessário, ainda, dobrar de imediato o salário mínimo, rumo ao indicado como mínimo pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Para que isso seja possível, temos que parar de pagar a dívida aos banqueiros e expropriar os 315 bilionários e as 100 maiores empresas.

Para mudar de fato, é fundamental que avancemos na mobilização e auto-organização da classe trabalhadora, rumo a um projeto socialista para o país, em que os trabalhadores governem, e para garantir a própria autodefesa diante da ultradireita e do golpismo.

O POVO SÓ QUER O QUE É SEU

A pré-candidatura de Vera, do Polo Socialista e Revolucionário e do PSTU é necessária para que exista uma voz a serviço dos interesses da classe trabalhadora e um projeto da classe, socialista, independente e contra a burguesia. Que possa ser uma alternativa de luta, pelo avanço da consciência e da organização dos trabalhadores e do povo pobre.



POLÊMICA

O PSOL com Lula e Alckmin

JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

O PSOL oficializou a sua adesão à candidatura Lula e Alckmin no último dia 30 de abril. Esta decisão foi construída não só pela ala majoritária do PSOL, composta pela Revolução Solidária de Guilherme Boulos e Primavera, de Juliano Medeiros, presidente do partido. Mas contou com o apoio decisivo das correntes Resistência e Insurgência. Todos afirmam se tratar de uma decisão meramente tática. Estaria em questão apenas uma simples localização política pautada na necessidade de derrotar Bolsonaro eleitoralmente.

O que não conseguem explicar é com qual critério tomaram esta decisão. Gostam de repetir que o PSOL deve ser útil na derrota eleitoral de Bolsonaro. Mas se fosse só esse o mo-

tivo bastaria chamar voto no segundo turno e manter uma candidatura do PSOL. Mas a opção que tomaram não foi apenas de uma definição de voto crítico em um segundo turno. E sim de abrir mão da sua candidatura, integrar a chapa Lula-Alckmin, compor a coordenação da campanha, e tudo já no primeiro turno.

O FATOR LULA

Mesmo levando em conta apenas os aspectos eleitorais, ou seja, a contagem dos votos, isto não se justifica. Há segundo turno, inclusive, com as pesquisas indicando que qualquer candidato ganha de Bolsonaro. Aqui não se trata de facilíssimo, de decretar que Bolsonaro já perdeu ou qualquer coisa do tipo. Mas, sim, de questionar a justificativa central de que se trataria simplesmente da escolha pelo voto contrário ao atual presidente.



Boulos e Medeiros em lançamento da campanha Lula

Iriam aderir a qualquer candidato mais viável contra Bolsonaro, ou só se justifica porque este candidato é Lula? A hipótese em política é sempre limitada, mas aqui cabe para mostrar que tem muito mais a ver com o fato de ser a favor de Lula do que ser contra Bolsonaro.

TÁTICAS E ADESÃO

Tática é fazer unidade de ação na mobilização para derrotar Bolsonaro, ou mesmo votar criticamente no segundo turno contra este governo como o PSTU fez em 2018. Estas são táticas válidas em determinadas conjunturas, pois ajudam

na organização dos trabalhadores, se estiver conectada com uma política de independência de classe, um programa socialista e o desmascaramento dos setores burgueses.

Aqui é outra coisa. Trata-se da adesão do PSOL à candidatura Lula-Alckmin.

MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Como derrotar a ultradireita?

O estranho da argumentação toda é que justificam esta adesão pelo peso da ultradireita, pelo fato de que ela veio para ficar e que não será der-

rotada na eleição. Mas é justamente por isso que aderir a uma chapa que tem aliança com a burguesia, e defende governar com os ricos, não

serves. Não é se aliando com Alckmin que estamos melhor preparados para derrotar Bolsonaro, e muito menos para enterrar a ultradireita.



Se a ideia é derrotar Bolsonaro, e também toda a ultradireita, não faz muito sentido se aliar a outra parte da direita. Se derrotar Bolsonaro significa frear os ataques que os capitalistas estão promovendo contra os trabalhadores, também não é se aliando a outros capitalistas que querem atacar os trabalhadores que solucionaremos isso. O fato de os grupos capitalistas em questão serem diferentes não os torna menos capitalistas. Não ajuda falar em derrotar Bolsonaro ignorando que o sistema capitalista é o campo fértil da proliferação da ultradireita.

Para combater as gangues armadas da ultradireita é preciso mobilização, organização e avanço da

consciência dos trabalhadores. Dizer aos trabalhadores que a saída é esta chapa de Lula em aliança com a burguesia não ajuda nessa tarefa, nem taticamente, muito menos estratégicamente. Pelo contrário, contribui para desorganizar, desmoralizar e retroceder a organização e a consciência dos trabalhadores.

Derrotar Bolsonaro é urgente. Tarefa número um da eleição e das lutas. Mas nada derrota mais Bolsonaro e a ultradireita que o fortalecimento de uma alternativa socialista, operária e revolucionária no Brasil, pois enfrenta o sistema e ajuda na organização dos trabalhadores. Apresentar esta saída no primeiro turno é um dever dos que se consideram de esquerda.



SEMEANDO ILUSÕES

Para além da adesão, a esperança no novo governo Lula

Não podemos esquecer que foi da experiência, da traição e desesperança do governo de "esquerda" do PT junto com a burguesia que favoreceu a ascensão e fortalecimento do próprio Bolsonaro. Hoje a candidatura Lula é mais à direita do que foi há 20 anos atrás. Mesmo depois da burguesia ter descartado o PT quando perderam popularidade, o PT não descartou a burguesia. Na verdade, abraçou-a mais ainda com Alckmin, e o PSOL sabe disso.

Por isso bateu tanto na tecla dos pontos programáticos apresentando ao PT e Lula, come-



morando que foram acatados. O evento da adesão do PSOL ao Lula foi um comício com abso-

lutamente nenhuma crítica ou diferenciação por mais mínima que seja.

Mas não só Lula não vai reverter as "políticas neoliberais" que o PSOL jura que ele se comprometeu, como ainda vai aperfeiçoá-la para os capitalistas. Inclusive, Gleisi Hoffmann disse que o atual presidente do Banco Central de Bolsonaro será mantido.

Pior que aderir a uma campanha de unidade com a burguesia, é acreditar que interferiu em algo do programa, ou ainda que seria possível esta chapa defender em algum grau um programa de interesse dos trabalhadores. Só se o Alckmin fosse o primeiro burguês

na história a cometer suicídio de classe.

Com esta movimentação o PSOL está dizendo que o programa da candidatura é também do PSOL. Isso por si só já não é semear esperanças em um futuro governo Lula?

Só podemos concluir que não se trata de uma adesão apenas à candidatura, mas também à política, ao programa e ao projeto do PT. Não é à toa que, embora a decisão sobre o PSOL compor um eventual novo governo Lula tenha ficado para ser tomada após a eleição, há este elefante na sala.

O CURIOSO CASO DO MÊS

Sem o critério da independência de classe

Um outro setor do PSOL, encabeçado pelo MES (Movimento de Esquerda Socialista), foi contra a adesão à campanha de Lula, mas uma vez aprovado, acata e entende como sendo um debate também tático, onde se trataria não de uma polêmica sobre voto no Lula, mas sim quando fazer isso. A direção do PSOL defende já no primeiro turno. E eles defendem no segundo definindo isso desde já. Para eles, o que seria mais grave é a possibilidade de entrada no go-

verno. E dado o grau de alerta em suas notas, a probabilidade de isso ocorrer parece latente.

O curioso é que o MES foi um dos principais defensores da federação com a Rede, dizendo ser também tático para superar a cláusula de barreira. E isto não acabaria com o PSOL enquanto um partido de esquerda, nem alteraria seu caráter de classe. Por sua vez, o Resistência diz que tático é o voto no Lula no primeiro turno, mas que a federação com a Rede não. Daí que alguém

provavelmente, ano que vem, vai falar que tático é entrar no governo e por aí vai.

Sem um critério de classe nítido, quem define a régua do que é tático ou não? Governar, unificar partidos ou fazer programa comum com a burguesia não é tático. Tratar as discussões táticas descolados da sua relação com o programa e a estratégia levam a uma visão turva da realidade e escolhas subjetivas sobre até onde ir com a burguesia, terminando sempre em capitulação.



A polêmica pública entre MES e Resistência é a demonstração disso. Um defende adesão a Lula e o outro defende federação com a

Rede, ou seja, cada um defendendo seu tipo de aliança com o setor burguês que mais lhe agrada, sem critério de classe.

ALTERNATIVA

O Polo Socialista Revolucionário está à disposição

Outro setor mais à esquerda do PSOL está contra a decisão da direção. Alguns entregaram os cargos e dizem não acatar a decisão. Organizações como CST e SoB já constroem o Polo Socialista Revolucionário conosco e estamos em francos debates sobre as eleições. Queremos apenas reforçar que o Polo está aberto a todos que discordam da decisão tomada pelo PSOL.

Com todo o respeito e estima que temos por esses companheiros, há uma polêmica interessante entre nós já que alguns setores vêm defendendo como política um retorno ao PSOL das origens. Não vemos que a saída passe por aí, pois os problemas atuais do PSOL estão ligados diretamente aos limites em sua própria origem enquanto um partido que pretendeu juntar reformistas e revolu-

nários, com uma estratégia meramente eleitoral e sem clareza programática. Não à toa, o movimento agora de adesão ao PT e Rede foi precedido por longos anos de aproximação política entre ambos os partidos desde 2016, como disse Medeiros, e também pela ida de vários parlamentares do PSOL para PT, PCdoB PDT e PSB.

Mas este é um grande debate que podemos fazer sem-

pre com tranquilidade, mas que para nada impede de estarmos juntos construindo uma alter-

nativa revolucionária e socialista com independência da burguesia nestas eleições.

Venha construir o
Polo socialista
revolucionário!





DITADURA NUNCA MAIS

Cortar o mal pela raiz do golpismo e da ultradireita

JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

As eleições estão sendo permanentemente ameaçadas por Bolsonaro, que vem fazendo dois movimentos. Por um lado, tem política para ganhar votos com liberação de medidas econômicas, usando a máquina do governo para ver se consegue aumentar sua popularidade.

Por outro, desenvolve uma campanha de que as urnas eletrônicas e a apuração das eleições não são confiáveis, criando um caldo de confusão que permita questionar o resultado eleitoral e ações autoritárias e golpistas, caso ele perca a votação.

Episódios como o indulto de Daniel Silveira servem aos dois propósitos. Tanto inflam sua base mais radicalizada, como

também, ao enfrentar uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), ameaçam o funcionamento “normal” das instituições da democracia burguesa.

O plano é nítido. Neste primeiro momento, faz tudo para aumentar os votos e tentar ganhar a eleição. Em breve, se isso não for suficiente, criará qualquer motivo para não reconhecer a derrota. A partir daí, tentará impedir a posse do vencedor e, se tiver força, dar um golpe.

Toda a artimanha golpista está baseada no questionamento da lisura da eleição. Embora pareça que o perigo é lá na frente, alguns estragos já foram feitos. Eleição tutorada e monitorada pelos militares é, por si só, um retrocesso para as liberdades democráticas.

O questionamento dos generais ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o cancelamen-



to dos observadores europeus e a proposta de uma apuração militar paralela comprovam

a tentativa deingerência dos militares no processo eleitoral e no questionamento das

eleições. Ou seja, fazem coro à tese bolsonarista de que seriam fraudadas.

ANDAR DE CIMA

Divisões na burguesia na barbárie capitalista

Um golpe significaria uma mudança no regime democrático burguês: a construção de uma ditadura que perseguiria opositores, atacaria as liberdades democráticas e reprimiria as organizações dos trabalhadores. Se vencer a eleição, seguirá buscando avançar e tentar impor um curso reacionário no rumo de um regime autoritário.

O motivo dessa aventura bolsonarista não é só o corporativismo dos militares que estão distribuídos em milhares de cargos e querem manter a boquinha. Tampouco apenas o fato de haver sido mantido um entulho autoritário no fim da ditadura, deixando as Forças Armadas intactas, anistiando ditadores, torturadores, corruptos etc..

O mundo está sendo devastado pelas contradições do capitalismo. O contexto de crise social, econômica e política no Brasil é parte disso. Essa nova ultradireita mundial é fruto da decadência do capitalismo e a



Em 2002, mobilização popular derrotou tentativa golpista na Venezuela que procurou derrubar governo Chávez.

expressão da política da barbárie capitalista. No Brasil, Bolsonaro é reflexo da longa decadência e reversão colonial que vive o país, produto de anos e anos de neoliberalismo e localização subalterna na divisão mundial do trabalho imperialista.

O papel da ultradireita é aprofundar o patamar de ex-

ploração capitalista às custas do aumento de mecanismos autoritários e repressivos em primeiro lugar contra a classe trabalhadora e o povo pobre. Esses mecanismos, aliás, também foram sendo incorporados pelos anteriores governos, ainda que nos limites da democracia burguesa.

Há divisões no andar de cima. A burguesia brasileira não está majoritariamente pelo golpe hoje, mas há um setor que lava as mãos e minimiza as investidas autoritárias do governo. Mas está contra, inclusive, porque também não é a posição da maioria do imperialismo. O governo Biden e a CIA se posicionarem contra um golpe mostra isso. Já a ala ligada à ultradireita, por exemplo, defende que Bolsonaro faça aqui a mesma tentativa que Trump fez lá na invasão do Capitólio, caso perca as eleições.

Diante de um aumento da crise no futuro, não se pode descartar que mais setores da classe dominante optem por um regime autoritário. E a ultradireita brota nesse processo de decadência, especialmente se não encontra uma alternativa que a enfrente radicalmente. Por isso não se pode confiar em nenhum setor burguês.

Todos eles defendem seus interesses capitalistas contra o povo e os trabalhadores. Mesmo

os setores burgueses atualmente contra o golpe não é que sejam democráticos. Estão contra hoje, mas isso pode mudar. Bolsonaro cresce sem um combate à altura, porque aos de cima não interessa um combate coerente, e os “progressistas” da ordem são subversivos e dirigidos pelos de cima.

A luta contra as ameaças às liberdades democráticas, contra o crescimento do autoritarismo, necessita ser dada pela classe trabalhadora e pelo povo pobre, de maneira independente, e deve se transformar numa luta também contra o capitalismo.

Nessa luta é preciso unidade de ação com todo mundo que esteja disposto a combater o golpismo. Mas não se pode confiar e muito menos se submeter à direção errática, insegura e covarde desses setores burgueses. É preciso derrotar a burguesia golpista, reacionária, dessa nova ultradireita. Mas, para acabar com essa ameaça pela raiz, é preciso ir além e mudar esse sistema capitalista.



PASSANDO PANO PARA GOLPISTA

A fraqueza e capitulação das instituições ‘democráticas’

O avanço do golpismo de Bolsonaro é fruto também da capitulação vergonhosa das instituições da democracia burguesa. Barroso, do STF e TSE, acreditou que colocando um milico na comissão que fiscaliza a eleição, desarmaria o golpismo e ganharia a confiança dos militares. Na verdade alimentou e fortaleceu os ataques às eleições.

O STF titubeia no enfrentamento aos crimes da quadrilha bolsonarista. Ao mesmo tempo, tentou conciliar com parte das Forças Armadas e terminou sempre capitulando. A fraqueza demonstrada no caso do indulto de Daniel Silveira é um sintoma disso. De militar servindo de assessor de ministro a reuniões infundáveis com promessas vazias, a verdade é que a toga teme as armas. E os juízes têm muito a perder para se colocarem tanto em risco por uma tal “democracia”.

As demais instituições da República estão também rendidas ao governo. O Congresso Nacional não é preciso nem falar. Lira e o centrão são parte fundamental da sustentação do governo e das estripulias golpistas. Pacheco diz defender a democracia e não concordar com as investidas contra as urnas, mas na presidência do Senado segue como servicial de Bolsonaro.

Nesses momentos cruciais da vida política, o véu místico das instituições burguesas some, e estas mostram o seu verdadeiro conteúdo: quem tem o poder da força e das armas para garantir sua vontade política? Esse é o fundamento do Estado burguês, e é nisso que Bolsonaro se apoia.

O limite no combate ao golpismo pelas instituições do regime se dá pelo seu caráter de classe. São instituições burguesas que não conseguem levar a luta contra um



Pato da Fiesp em manifestações na Av. Paulista

golpe reacionário até o final. Por que? Porque isso significaria ter que chamar o povo para que, mobilizado e de armas na mão, derrote qualquer aventura golpista.

E se temem um pouco um golpe reacionário, essas instituições

temem muito mais o povo mobilizado, quanto mais com uma autodefesa organizada. A chance de uma saída do controle e um questionamento não só a um fechamento do regime, mas também a todo o edifício capitalista

é bastante alto. Assim, preferem seguir no mundo do faz de conta, esgrimindo palavras e, na prática, passando pano para golpista.

Essa inclusive é a explicação do desespero de parte da imprensa liberal que entende a gravidade da situação, mas não vê quem pode frear Bolsonaro. Atônia, clama pelos poderes místicos das instituições, como se estas pudessem, por si só, impedir qualquer coisa. E, no fim, rendem-se aos apelos a uma suposta autoconsciência das Forças Armadas.

Ainda há aqueles que minimizam tudo, dizem que como não existem condições para um golpe, bastaria não ficarmos falando dessas coisas para não fazer o jogo do Bolsonaro, porque é isso que ele quer, e vida que segue. É uma variação dos que dizem para não fazermos nada para não provocar o inimigo. Essa é a linha da derrota certa e sem luta.

NAS RUAS E NAS LUTAS

Quem pode deter Bolsonaro, a ultradireita armada e as ameaças golpistas?

Hoje por hoje, de fato, não existem condições para que um golpe de Bolsonaro seja vitorioso e se consolide. Mas não quer dizer que não tenha condições para haver uma tentativa de golpe. O perigo maior não é bem precisamente se há ou não condições dele fazer. Mas sim, quem irá detê-lo caso tente.

Qual força social, política e sobretudo armada pode impedir que Bolsonaro tente se impor pela força com apoio de um setor das Forças Armadas? Só os trabalhadores mobilizados, organizados e preparados podem derrotar um golpe! Inclusive construindo desde já sua autodefesa contra os bairros armados da ultradireita. O primeiro passo

para isso é que os trabalhadores tenham consciência disso. Confiar apenas nas suas forças e se manterem alertas para a hora da batalha, lutando desde já por eleições limpas e sem tutela de militares.

O PT deveria estar na cabeça da mobilização contra a possibilidade de um golpe. Mas segue jogando todas as expectativas nas eleições, na busca de alianças ainda mais profundas com a burguesia e freando toda mobilização. Confia na direita e nas instituições, como se estas fossem um baluarte contra o golpe. Terceiriza para os ricos e parte da direita uma tarefa que caberia aos trabalhadores.

Claro que defendemos unidade total na luta, nas ruas,



Ministro Luiz Fux em encontro com general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, ministro da Defesa.

na ação contra o golpismo de Bolsonaro! Mas isso é bem diferente de confiar, de se aliar ou de governar junto com os

ricos e a direita, como faz o PT. Se para derrotar a ultradireita e suas ameaças precisamos fortalecer a organização

e a luta dos trabalhadores, não é construindo uma candidatura com a burguesia e a direita que se faz isso.



DURA REALIDADE

A comida cada vez mais cara e o

Inflação, desemprego e arrocho dos salários turbinam lucros das bilionárias e das grandes empresas à custa da carestia e da miséria



DA REDAÇÃO

Um “meme” bastante difundido nas redes sociais mostra uma compra feita no supermercado com R\$ 100,00 há dois anos e o carrinho com os mesmos R\$ 100,00 hoje. Com esse valor atualmente, você pode simplesmente dispensar o carrinho e levar poucos produtos na mão.

A inflação galopante do último período atinge em cheio as famílias brasileiras, que veem a comida cada vez mais rarear da mesa e do armário. Num país em que mais se produz alimentos no mundo, café, carne e óleo de soja estão se tornando itens de luxo. No ano passado, o

consumo de carne no Brasil foi o menor dos últimos 25 anos.

Levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) mostra o aumento da cesta básica em todas as capitais. Se a inflação acumulada nos últimos 12 meses já é alta, de 12% para as famílias pobres, a cesta básica acumula um aumento que se aproxima de 30% em algumas capitais. Desde o início da pandemia, produtos como o tomate, o café e o óleo de soja mais dobraram.

Em São Paulo, a cesta básica custa R\$ 803,99, ou 70% do valor do salário mínimo, hoje de R\$ 1.212,00. Salário mínimo que, inclusive, deveria

ser de R\$ 6.574,00 segundo o Dieese, para cumprir sua função constitucional de garantir a sobrevivência mínima de uma família de quatro pessoas.

MESA VAZIA, LUCROS CHEIOS

A carestia e a inflação, ao mesmo tempo que empobrecem as famílias trabalhadoras, turbinam os lucros das grandes empresas, das multinacionais e dos super-ricos. Por quê? Os trabalhadores produzem toda a riqueza, do lucro dos empresários aos impostos que tanto eles quanto os patrões pagam ao Estado. Mas contam só com uma pequena fração dessa riqueza, através dos salários.

A burguesia enfrenta a crise jogando seus efeitos sobre



a classe trabalhadora, aumentando ainda mais a exploração. Por um lado, rebaixa direitamente os salários e direitos, contando com o desemprego em massa para isso, e na outra ponta o capitalismo gera inflação, que também confisca, com o aumento do

preço das mercadorias, esse mesmo salário já arrochado. E é por isso que o sistema capitalista conta com o governo e a burguesia para deixar rolar a carestia e o desemprego, para, principalmente na crise, manter e aumentar os lucros dos super-ricos.

CARESTIA E INFLAÇÃO DOS ÚLTIMOS 12 MESES

Inflação geral:	12%
Aumento da cesta básica:	30%
Aumento do salário mínimo:	10%

CESTA BÁSICA X SALÁRIO MÍNIMO

Cesta básica*	R\$ 803,99
Salário mínimo	R\$ 1.212,00
Salário mínimo necessário	R\$ 6.574,00

(*São Paulo – Fonte: Dieese)

SEM DIREITOS

Precarização do emprego dá a tônica da “recuperação”

Está havendo, segundo alguns institutos, uma “despiora” do desemprego, que continua alto, mas retorna aos níveis pré-pandemia (em que já estávamos em crise). No entanto, o que ocorre mesmo é uma avassalado-

ra precarização dos empregos. Os novos postos de trabalho se concentram em serviços informais, precarizados e de baixos salários.

Levantamento da LCA Consultores mostra que o grosso dos postos de trabalho criados

entre o início de 2020 e o final de 2021 são de até um salário mínimo. Durante o período, foram 5 milhões de postos de trabalho criados nessa faixa salarial. No final de 2021, a renda média era de R\$ 2.377,00, a

menor em mais de dez anos. Mais da metade dos trabalhadores ocupados (54%) ganhava R\$ 1.500,00 ou menos isso.

Em resumo, estamos pagando mais pela comida, o gás de cozinha, a gasolina e

tudo o mais. Quem trabalha com carteira assinada não está conseguindo repor essa inflação, e quem consegue arrumar algum serviço está sendo obrigado a aceitar baixíssimo salário e sem direitos.

CRISE DO CAPITALISMO

Um reflexo da decadência, recolonização e aumento da exploração

O desemprego, a carestia e a inflação refletem a crise mundial do sistema capitalista e, ao mesmo tempo, o projeto em curso de aprofundamento da recolonização, que relega ao país um rebaixamento na hierarquia da organização dos estados no mundo.

Nesse projeto tocado pelos últimos governos a mando do imperialismo, com a cumplicidade de uma burguesia subordinada, e acelerado por Bolsonaro, o Brasil volta a ocupar o papel de plataforma de exportação de produtos primários ao mercado internacional.

Não é à toa que março tenha batido o recorde histórico de exportações do agronegócio (com quase 30 bilhões de dólares). O alto preço das commodities faz com que o agronegócio e as multinacionais direcionem a produção para a exportação, e que co-

brem aqui a mesma cotação desses produtos, em dólar. O reflexo disso são os preços do café, do óleo de soja e da carne mais caros nas gôndolas dos supermercados, e mais dinheiro no bolso das multinacionais que controlam a produção e exportação.





os salários cada vez mais baixos

NÃO AO AUMENTO DA GASOLINA E DO GÁS

Petrobras: aumentos enchem os bolsos dos acionistas estrangeiros

Enquanto fechávamos esta edição, a Petrobras acabava de anunciar novo aumento no diesel, e na semana anterior aumentou ainda mais o gás canalizado. O gás de cozinha, que custava em média R\$ 70,00 em 2020, hoje bate os R\$ 110,00.

Além desse aumento impac-

tar fortemente as famílias mais pobres que ou compram gás ou comida, o aumento no diesel e na gasolina desencadeia um efeito em cascata, encarecendo o transporte e pressionando ainda mais a inflação. Enquanto isso, a empresa anuncia lucro recorde. Neste primeiro

trimestre, o lucro da Petrobras aumentou 40 vezes. Só no ano passado, repassou aos grandes acionistas R\$ 101 bilhões em dividendos (os lucros repartidos entre os donos da empresa).

Esse é o resultado da alta do petróleo no mercado internacional, que é inteiramente repassa-

da aos brasileiros, que têm que pagar em dólar aqui por conta do Preço de Paridade Internacional (PPI). Ou seja, a população paga, com a carestia e a fome, os lucros exorbitantes de meia dúzia de banqueiros lá fora.

Para acabar com isso, é preciso tomar de volta a Pe-

trobras dos banqueiros internacionais, colocando-a 100% nas mãos dos trabalhadores. Tirando os lucros e dividendos, seria possível fornecer combustível e gás a preço de custo para a população, com um preço final menos de 1/3 do que é cobrado hoje.

PRA ONDE VAI SEU DINHEIRO?

Economia nas mãos de 200 grandes conglomerados

A Petrobras anunciou lucro recorde no primeiro trimestre de 2022 de R\$ 44 bilhões. E divulgou também a distribuição de R\$ 48,5 bilhões em dividendos, a renda que os grandes acionistas ganham sem mover um dedo ou sequer pisar numa plataforma, simplesmente por possuírem uma “parte” da empresa através das ações. Confira para onde vai o dinheiro que você paga na gasolina e no gás, e indiretamente também através da inflação:

Repartição dos dividendos da Petrobras

BNDES R\$ 3,8 bilhões**Empresas e pessoas físicas: R\$ 8,3 bilhões****União: R\$ 13,9 bilhões*****Estrangeiros e ações negociadas no exterior: R\$ 21,8 bilhões**Dinheiro que vai para pagar a dívida aos banqueiros**SAÍDA**

Combater a carestia e a inflação atacando os lucros e propriedades dos super-ricos

Para acabar com a carestia é preciso reverter a ofensiva contra os empregos, os salários e os direitos dos últimos anos. A primeira coisa é revogar por completo as reformas trabalhista e da Previdência, além da lei das terceirizações. Trabalho formal, com carteira assinada e plenos direitos trabalhistas a todos os trabalhadores.

SALÁRIO E EMPREGO

Temos que duplicar de imediato o salário mínimo, rumo ao salário mínimo calculado pelo Dieese. E combater o desemprego e a carestia através de uma escala de jornada e salários, reduzindo a jornada sempre que o desemprego aumentar (dividindo o trabalho existente a todos que precisem de emprego) e aumentando os salários sempre que a inflação subir.

Além de um plano de obras públicas que, além de postos de trabalho, supra déficits históricos em áreas como habitação e saneamento.

EXPROPRIAR AS MULTINACIONAIS E OS BILIONÁRIOS

Para combater a inflação dos alimentos e demais produtos básicos, é preciso tirar toda a cadeia de produção e distribuição das mãos dos grandes capitalistas, que lucraram com a inflação. Para se ter uma ideia, a maior parte de todas as vendas realizadas no país em 2019 ficou concentrada nas mãos de apenas 200 grandes conglomerados que, juntos, abocanham nada menos que 53,7% do PIB.

É preciso expropriar as grandes multinacionais do

agronegócio, que dominam 70% do campo brasileiro, e produzir alimento para o povo, e não para especular no mercado internacional. Junto a isso, uma reforma agrária que, além de garantir terra a quem precisa, garanta o fornecimento de alimentos para a população.

É necessário tirar as grandes redes de supermercados hoje nas mãos do capital estrangeiro e colocá-las sob o controle dos trabalhadores.

SUPER-RICOS E TRABALHADORES

É preciso, enfim, inverter a lógica da economia, que hoje funciona para espoliar os trabalhadores a favor dos 315 bilionários e super-ricos, e do imperialismo, e colocá-la para rodar para atender os interesses dos trabalhadores. Para fazer



isso, só há uma forma: tirando as 100 maiores empresas das mãos das multinacionais, grandes fundos de investimentos estrangeiros e bilionários, que controlam grande parte da economia, colocando-as sob controle dos trabalhadores.

Para fazer isso, é necessário mudar de forma estrutural a sociedade, construir um governo socialista dos trabalhadores para que a classe trabalhadora e o povo pobre governem através de suas organizações e apoiados na mobilização.



13 DE MAIO

Uma abolição sem reparações e o racismo no Brasil



WAGNER MIQUÉIAS F. DAMASCENO E CLÁUDIO DONIZETE,
DA SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS

No dia 13 de maio desse ano completam-se 134 anos da abolição da escravidão no Brasil. Mas não há nada a se comemorar nessa data. Em primeiro lugar porque, desde o início, essa data é envolta numa fábula que atribui o fim da escravidão a um ato benevolente da princesa Isabel, uma monarca branca que passou a ser retratada como uma espécie de santa redentora.

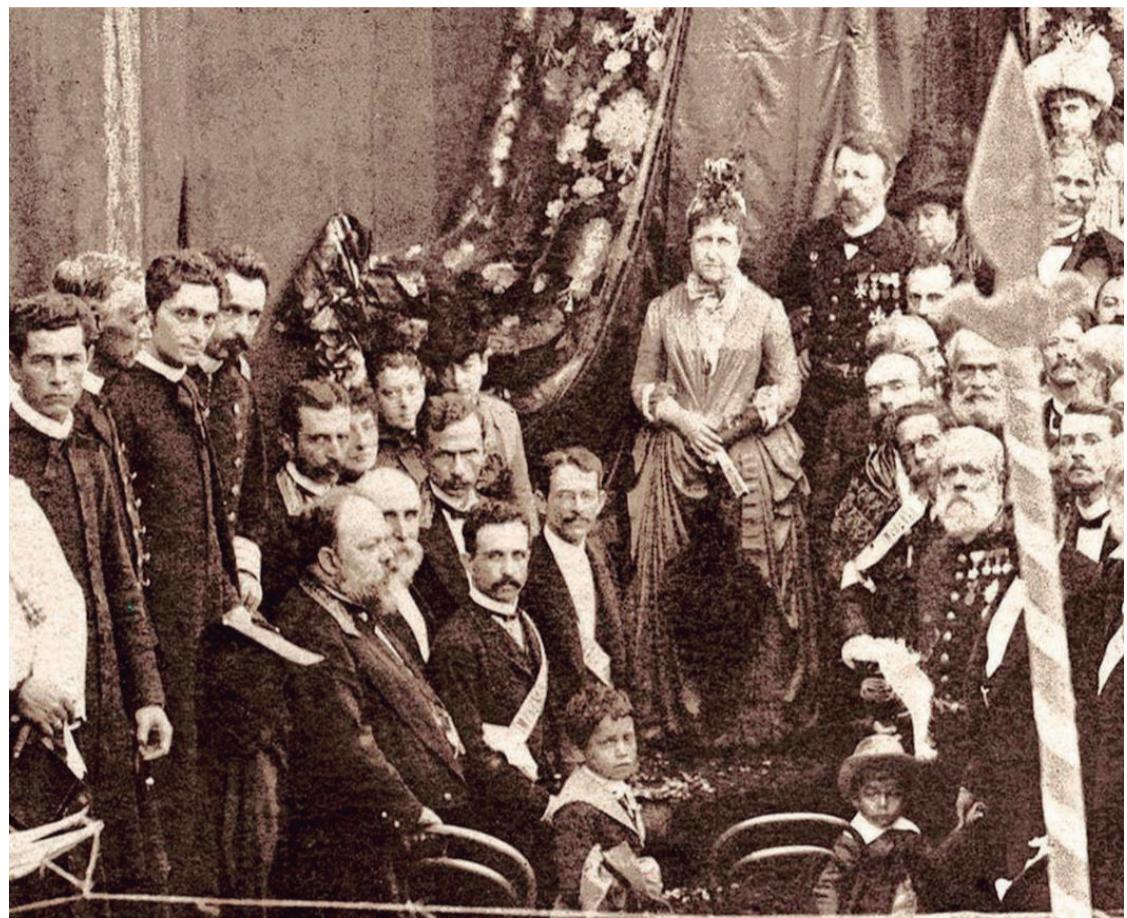
Em segundo lugar porque a abolição não foi acompanhada por nenhuma política de reparações aos negros e negras por séculos de escravidão no Brasil.

Tratados como coisas, gerações de negros e negras sofreram todo tipo de violência, trabalhando de sol a sol como propriedades de senhores brancos, sem direito à liberdade, sem direito ao fruto de seu trabalho e sem direito

a criar seus próprios filhos, já que a escravidão também se estendia a eles.

Mas apesar de tudo isso, a lei áurea assinada pela princesa Isabel não estabelecia nenhuma medida para garantir condições dignas de existência para os negros e negras e seus descendentes. Possuindo apenas dois artigos, a lei não estabelecia nenhuma medida reparatória e indenizatória aos negros: “Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil; Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.”

E como parte do desejo do governo, agora republicano, de negar políticas de reparações pela escravidão, Rui Barbosa mandou queimar toda a documentação de compra e venda de escravizados que estava no Arquivo Nacional.



Princesa Isabel, a suposta ‘heroína’ da abolição, era representante de um regime sustentado pela escravidão negra.

NAS MARGENS

Sem acesso à terra, moradia e emprego



Não houve reparação com a abolição e o povo negro seguiu marginalizado do acesso à terra e do mercado de trabalho.

Como se não bastasse uma abolição sem reparações, o governo e a classe dominante criaram uma série de medidas que dificultavam e, até mesmo, impediam o acesso de negros e negras à terra, seja para plantar, seja apenas para morar.

E se valendo dos discursos racistas de que a população brasileira deveria se embranquecer para “progressar”, a classe dominante justificou uma espécie de “segundo tráfico”, mas agora de trabalhadores imigrantes europeus, em sua maioria, expulsos do campo e empobrecidos, para substituir os negros e negras no mercado de trabalho assa-

lariado no país. O racismo caía como uma luva para a lucrativa rede de negócios de imigração de trabalhadores europeus, que envolvia navios, hospedagens, agências, bancos etc., criada pela classe dominante brasileira e europeia.

Sem acesso à terra, preferidos em relação ao trabalhador europeu e estigmatizados pelo racismo, os negros e negras ocuparam as margens do nascente mercado de trabalho brasileiro, morando, também, nas margens das cidades. Os efeitos de quatro séculos de escravidão e de uma abolição sem reparações são sentidos ainda hoje.



RACISMO

Números de uma tragédia racial e social



Racismo e impunidade retroalimentam violência policial contra população negra

A expressão mais trágica do racismo é o assassinato. Segundo o Atlas da Violência de 2021, os negros representaram 77% das vítimas de homicídios no país, perfazendo uma taxa de 29,2 por 100 mil habitantes, enquanto não negros apresentaram uma taxa de 11,2 para cada 100 mil habitantes. Isto é, um negro tem 2,6 vezes mais chances de ser assassinado do que uma

pessoa não negra. E considerando os recortes de gênero e raça, 66% das mulheres assassinadas são negras.

Outro aspecto da violência racista reside no encarceramento: segundo dados do Ifopen – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, 67% dos presos no país são negros. Do total de presos, mais de ¼ está enquadrado por tráfico de drogas, em vir-

tude da lei 6.368/1976 – criada durante a ditadura militar – e da lei antidrogas 11.343/2006 – assinada por Lula (PT). Uma lei que, dentre outras coisas, dá plenos poderes para o juiz definir se uma pessoa flagrada com drogas é usuária ou consumidora.

O parágrafo segundo do art. 28 da lei antidrogas diz que “para determinar se a droga destinava-se a consumo

pessoal, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente”. Traduzindo esse “juridiquês” para a prática: se um jovem branco é flagrado com seis gramas de maconha, em frente ao seu condomínio no Leblon, bairro

nobre do Rio de Janeiro, ele é definido como usuário. Mas se for um jovem negro flagrado com os mesmos seis gramas de maconha, aos pés de uma favela ou no subúrbio do Rio de Janeiro, ele é definido como traficante. Mais racista e burguesa, impossível.

Por outro lado, vale apontar para um aumento da consciência contra o racismo no país. É o que mostra o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública: em 2020, houve um crescimento de 29,8% nas denúncias de casos de racismo, em comparação a 2019. Sinais dessa mudança podem ser vistos na reação popular ocorrida, por exemplo, no metrô de São Paulo na semana passada, após uma passageira branca insinuar que os cabelos de uma passageira negra transmitiriam doenças. De forma espontânea, os trabalhadores e jovens reagiram e expulsaram a passageira racista do vagão e da estação do trem, numa impressionante demonstração de solidariedade e consciência de raça e classe.

CORTAR O MAL PELA RAIZ

Basta de racismo e capitalismo!

O capitalismo se enriqueceu às custas da escravidão negra e, para justificá-la, criou o racismo nas suas mais variadas formas. A escravidão negra foi abolida, mas o racismo segue a todo vapor, pois, através dele, a burguesia consegue pagar menores salários para negros em virtude da nossa cor e da nossa raça; e destilando o racismo dentro da classe trabalhadora e do povo pobre, ela nos divide em campos hostis, nos impedindo de lutar de forma unificada contra ela.

E hoje estamos sob o governo de um genocida de ul-

tradireita que usa as opressões para dividir os trabalhadores e criar bodes expiatórios para a crise econômica no país. Além disso, Bolsonaro não faz a menor questão de disfarçar seu ódio aos trabalhadores, negros, mulheres, indígenas, LGBTIs e pobres. Não à toa, aproveitou a pandemia para promover um verdadeiro genocídio no país, com mais de 650 mil mortos, cuja maioria é negra e pobre.

Organizar os negros e pobres da classe trabalhadora para tirar Bolsonaro do poder é a tarefa mais importante hoje. Mas para “cortar

o mal pela raiz” e impedir que novos Bolsonaros possam surgir, é preciso construir uma alternativa socia-

lista que conduza os negros da nossa classe e os pobres à tomada do poder e à construção de uma sociedade so-

cialista, único caminho para abolir o racismo e toda forma de opressão do Brasil e do mundo.





REALIDADE EM MIGALHAS

Do liberalismo ao pós-modernismo



GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Uma característica que distingue a sociedade capitalista das últimas décadas é o individualismo extremo das concepções dominantes. Tudo se resume aos indivíduos e suas escolhas subjetivas. Na esfera privada, todo sucesso e todo fracasso é atribuído ao mérito individual. Na esfera pública, todo fracasso – já que aí jamais temos um verdadeiro sucesso – é novamente atribuído aos indivíduos: aos corruptos e os ladrões. Mas não somente.

Lugar de fala, empoderamento individual, identitarismo, narrativas. São termos que conquistaram boa parte dos movimentos atualmente existentes. Eles são a prova cabal da penetração das ideologias pós-modernas no interior de uma ampla gama de organizações.

Mas o que é exatamente o pós-modernismo e como ele surgiu? Quais as suas bases?

Veremos que o pós-modernismo se baseia, como no caso do liberalismo, nas ilusões produzidas pelo próprio modo de produção capitalista. Mas não apenas isso. É uma concepção que tem bases históricas precisas. A decadência do capitalismo imperialista, por um lado, e o stalinismo, por outro. Comecemos por esse percurso histórico.

BASES HISTÓRICAS DO PÓS-MODERNISMO

Em um primeiro momento, o pós-modernismo se confunde com o liberalismo. Ambos têm como ponto de partida e de chegada o indivíduo isolado. Um indivíduo solto no mundo, que não depende de ninguém. Um indivíduo que é sujeito absoluto de suas ações. Ambos esvaziam a noção de sociedade. O indivíduo não é produto da sociedade, a sociedade é que é produto das ações individuais. Mas essas diferenças são aparentes. O pós-modernismo é

produto de uma sociedade capitalista em decadência. Uma sociedade que nada mais tem a oferecer.

O liberalismo surgiu em um período no qual o capitalismo, apesar de todas as mazelas, se desenvolvia. A produção de riquezas crescia a passos largos e, a custo de muitas lutas, algumas migalhas caíam no bolso dos trabalhadores. Se os liberais apagam a forma de sociedade e apenas enxergam ações individuais, é porque acreditam que a sociedade capitalista é perfeita e racional. O mercado aloca, sozinho, tudo no seu lugar, de forma ótima.

Como eles dizem: “deixai fazer, deixai ir, deixai passar, o mundo vai por si mesmo”. Não há nada a ser alterado. Caminhamos para o

rir o capitalismo que não seja alternando liberalismo e keynesianismo, livre mercado e certas doses de intervenção estatal. A economia e a ciência social capitalista

continuam a ser liberais ou keynesianas. O surgimento do pós-modernismo está situado em outro lugar.

DESILUSÕES

O pós-modernismo foi uma ideologia oferecida a amplos setores desiludidos, não apenas com o liberalismo, mas também com o marxismo desfigurado pelo stalinismo. Na segunda metade do século XX, a União Soviética já não despertava mentes e corações. Ela era marcada por uma opressão brutal e pelo controle burocrático do poder e da riqueza. Os Partidos Comunistas não passavam de correias de transmissão dos interesses soviéticos nos países estrangeiros.

O ponto culminante foi a Primavera de Praga de 1968 na

Tchecoslováquia, país que integrava a URSS. Foi um levante dos trabalhadores contra a burocracia ali instaurada, por liberdades democráticas, de associação, controle operário e autonomia dos sindicatos. Esse processo foi derrotado pelos tanques soviéticos.

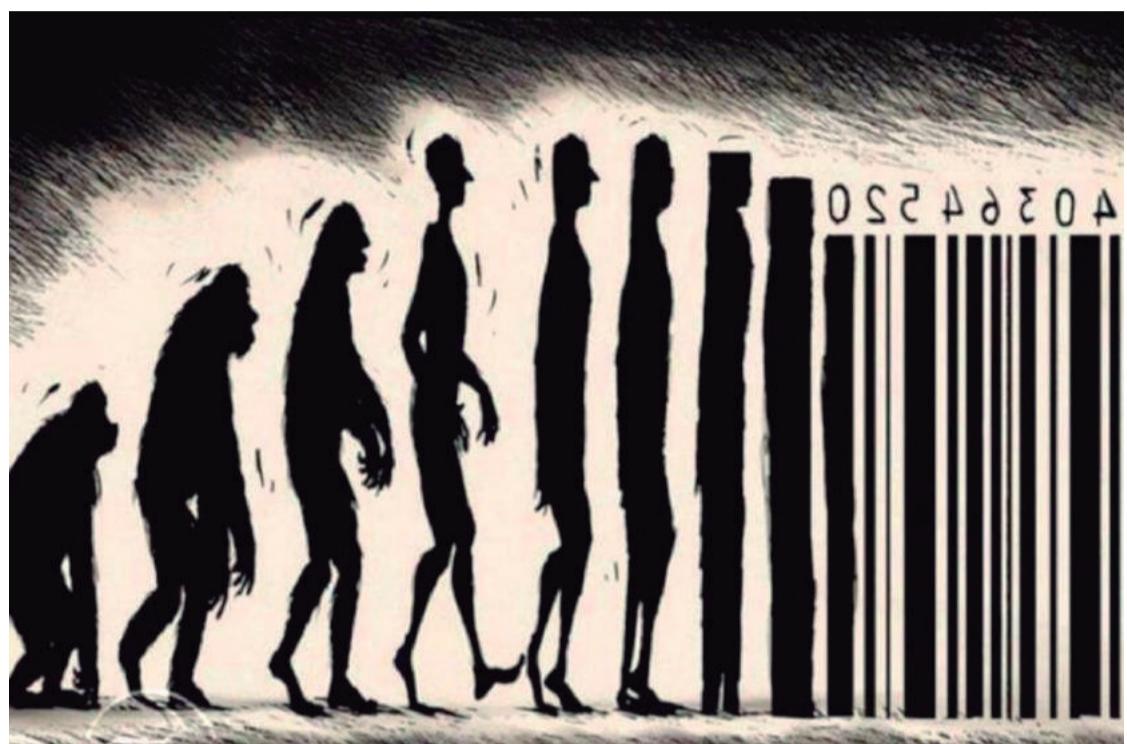
Na esteira desses processos uma imensidão de manifestações varreu a Europa, com início em Paris na França: foi o maio de 1968. Esse movimento, no entanto, não culminou em conclusões revolucionárias. Dentre vários fatores, encontra-se a conclusão de que tanto o liberalismo quanto o marxismo confundido com o stalinismo são apenas formas diferentes de discursos igualmente opressivos. Surgia o pós-modernismo.



progresso sem fim. O liberalismo é uma ideologia otimista em relação ao futuro.

O pós-modernismo, por sua vez, é produto de outro período histórico. O livre mercado conduziu o mundo à catastrófica crise de 1929. Procurou-se resolvê-la com intervenção estatal e keynesianismo. Nem assim a situação foi contornada. O mundo marchou para a barbarie do nazifascismo e a Segunda Guerra Mundial.

O liberalismo, contudo, não foi substituído pelo pós-modernismo, e nem será. Não há outra forma de ge-



Depois do maio de 1968 na França, ideias pós-modernas ganharam força na esteira do desgaste do stalinismo que desfigurou o marxismo.



DESCONSTRUÇÃO

Lutas sem rumo, sem objetivo e sem direção



Assim, marxismo e liberalismo foram colocados no mesmo lugar. Enquanto o liberalismo defendia um mundo capitalista objetivo, perfeito

e racional, os pós-modernos renunciam a toda ambição de racionalidade e objetividade. Para eles, não existe compreensão objetiva da realidade.

Todas as teorias gerais sobre o mundo e a sociedade são construções subjetivas, criações discursivas de certos indivíduos para dominar os de-

mais. Daí que qualquer teoria com algum grau de universalidade nada mais seria do que a tentativa de encobrir interesses individuais.

As teorias universais, para os pós-modernos, não passariam de ficções a serviço de certos interesses individuais. O mundo seria por natureza parcial, limitado, fragmentado, sem estrutura. Um mundo em migalhas. Toda teoria não passa de um olhar subjetivo, uma imagem refletida feita por um indivíduo a partir do seu "lugar de fala". Ora, se é assim, o que seriam as próprias teorias pós-modernas? Não seriam as teorias pós-modernas, também, meros discursos? Meras imagens refletidas feitas por um indivíduo a partir de seu lugar de fala? Os pós-modernos

respondem afirmativamente a essas perguntas. Haveria, no entanto, uma diferença.

A missão das teorias pós-modernas não seria construir qualquer discurso universal, nem indicar qualquer direção futura ou finalidade. Tudo se resumiria a desestruturar os discursos universais de qualquer natureza que não passam de artimanhas para que um grupo de indivíduos domine o outro. A missão do pós-moderno é desconstruir e destruir os discursos que levam um indivíduo a dominar o outro, fazendo de cada indivíduo um centro de poder. A finalidade da desestruturação pós-moderna é, assim, a afirmação da identidade única de cada indivíduo e o seu empoderamento individual.

ARMADILHA DO CAPITAL

As bases capitalistas do pós-modernismo

Apesar de o pós-modernismo ter como característica central a desestruturação de todos os discursos universais, por vezes de fato ilusória e enganosa, eles simplesmente aceitam a universalidade real no interior da qual vivem.

Esta universalidade do capitalismo não é uma criação teórica, é seu próprio funcionamento interno. Todos os diferentes produtos convertem-se em mercadorias medidas por uma mesma qualidade: o dinheiro. O trabalho sempre distinto e diferenciado feito pelos trabalhadores se expressa universalmente como capital: comprado e vendido na forma de ações. O trabalho excedente da classe trabalhadora se expressa como lucro do capitalista, medido em dinheiro e repartido em juros, renda, impostos. Todo esse movimento precisa se repetir infinitas vezes para fazer o capital crescer para, então, fazê-lo crescer

outra vez. A substância do valor e da riqueza: o trabalho é transformado em uma forma universal dele separada, medida em dinheiro, para somente então ser repartida e disputada às custas daqueles que trabalham.

O marxismo tem, de fato, um programa universal. Esse programa universal, contudo, não é uma criação subjetiva da cabeça de Marx, Lênin ou Trotsky. É uma necessidade que o capitalismo impõe. Para destruir uma forma de organização da sociedade universal, é necessário encontrar um sujeito ou agente também universal em seu interior: a classe trabalhadora e, centralmente, a classe operária. São eles que produzem toda a riqueza que o movimento do capital converte em dinheiro e, depois, reparte entre os proprietários.

Ao negar a existência de toda e qualquer universalidade, os pós-modernos simplesmente aceitam o capital

tal como ele é. Ao realçar o indivíduo e sua subjetividade, aderem à característica central do capitalismo que esconde as relações sociais, esconde o que é universal, fazendo a sociedade parecer uma mera soma de indivíduos, como vimos em outros artigos.

Mas esse movimento só foi possível porque o marxismo foi desfigurado pelo stalinismo, tanto nas ações como na teoria. No lugar de se centrar na universalidade objetiva do capital e do capitalismo, as teorias stalinistas criaram teorias abstratas que justificassem seus interesses privados. O proletariado deixou de ser considerado como sujeito ativo do processo, sendo substituído pela ação de seus supostos representantes: os burocratas. A análise interna do capital e do capitalismo fora substituída por frases prontas, supostamente capazes de explicar toda história e justificar toda ação do sta-



linismo. Assim, muitas paixões ligadas a questões reais, tal como a opressão machista, a LGBTIfobia o racismo, entre muitas outras foram negligenciadas, o que deu espaço para o crescimento das teorias pós-modernas.

É por isso que o pós-modernismo se converteu em

uma das armas prediletas do capital e do capitalismo. Uma forma de negar o marxismo e, ao mesmo tempo, cooptar todos os tipos de movimento para continuarem a fazer uma guerra nas nuvens contra os discursos, enquanto todo o edifício permanece de pé.



RETRÔCESSO

Direito ao aborto nos Estados Unidos pode ser revogado



POR MARINA CINTRA E ÉRIKA ANDREASSY
SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES

A Suprema Corte dos Estados Unidos está prestes a reverter a decisão histórica que garantiu o direito ao aborto às mulheres no país. É o que diz um rascunho de parecer que vazou para a imprensa no último dia 2 de maio e provocou, imediatamente, uma onda de manifestações contra a revogação, que, se confirmada, representará um retrocesso de 50 anos nos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

ROE X WADE E A LEGALIZAÇÃO DO ABORTO NOS EUA

Em meio ao ascenso das lutas feministas dos anos de 1970, com base no argumento do direito da mulher à privacidade, "Jane Roe", pseudônimo de Norma McCorvey, processou o Estado do Texas por negá-la o acesso ao aborto. O promotor Henry Wade representou o Texas, que perdeu a ação. Com isso, o aborto foi legalizado em todo o país e o direito da mulher de decidir foi reconhecido.

Mas os conservadores nunca aceitaram a derro-

ta. Ao longo das décadas seguintes, movimentos antiaborto promoveram uma enorme ofensiva, incluindo ataques a clínicas, médicos e mulheres.

O tema também foi alvo de debates presidenciais e o apoio aos candidatos, condicionado, muitas vezes, ao seu posicionamento contra o aborto, na esperança de modificar a composição da Suprema Corte e derrubar a decisão.

Nos últimos anos a ofensiva se intensificou. Somente em 2021, quase 600 restrições ao aborto foram introduzidas em todo o país. Agora a situação piorou. Se a Suprema Corte derrubar mesmo a decisão, ele pode ser banido imediatamente em 25 dos 50 estados do país.

Diante disso, movimentos sociais já estão se mobilizando. Diversas organizações chamaram manifestação para o dia 14 de maio em defesa do direito ao aborto, em Washington, Nova York, Chicago, Los Angeles e centenas de cidades em todo o país.



PELO DIREITO DAS MULHERES DE DECIDIR

A revogação da decisão sobre Roe x Wade pela Suprema Corte dos EUA representa um enorme retrocesso para as mulheres, especialmente para as pobres e negras da classe trabalhadora. Por isso nos colocamos veementemente contra esse ataque, pois entendemos que, assim como a conquista da legalização do aborto na Argentina, Colômbia, Chile etc. fortalece a nossa luta, a perda de uma conquista como essa nos EUA fortalece os setores

reacionários, de Bolsonaro e da ultradireita, na ofensiva contra nossos direitos.

Apoio e solidariedade à luta das mulheres dos EUA contra esse ataque! Não aceitamos nenhum retrocesso na lei! Pela legalização do aborto no Brasil e em toda a América Latina!

SISTEMA CAPITALISTA NÃO ASSEGURA DIREITOS DEMOCRÁTICOS

A ameaça ao aborto livre e seguro nos EUA vai na contramão da maré verde latino-americana, onde o ascenso das lutas já garantiu a descriminalização e/ou legalização na Argentina, México, Colômbia e Chile, e descriminalização em casos de estupro no Equador. Se por um lado isso evidencia a possibilidade de as mulheres conquistarem para si direitos democráticos, como a legalização do aborto e leis contra a violência doméstica e o feminicídio, por outro demonstra que no capitalismo esses direitos nunca estão assegurados permanentemente. Especialmente em momentos de crise e polarização social e política, são colocados em xeque, pois a opressão, longe de ser uma excepcionalidade, é funcional ao sistema.

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA DECIDIR, ANTICONCEPCIONAL PARA NÃO ENGRAVIDAR, ABORTO LEGAL E SEGURO PARA NÃO MORRER!

No mês passado Lula (PT) afirmou que o aborto deve ser uma questão de saúde pública e um direito das mulheres, pois quem mais sofre com a proibição são as mulheres pobres, que não têm acesso a métodos seguros.

O que Lula não diz é que o PT comandou o país por 14 anos e, durante esse período, nenhuma palha foi movida pela legalização do aborto. Ao contrário, o governo chegou a retirar do Congresso projeto de lei que propunha a legalização e, em troca do apoio evangélico, Dilma assumiu o compromisso de fazer da "família" o foco principal de seu governo, ou seja, abriu mão de avançar na pauta do aborto.

A declaração de Lula é um aceno às mulheres, num momento em que a maré verde varre a América Latina. Mas, nós, que sempre defendemos a legalização do aborto, sabemos que só podemos confiar em nossa própria organização e luta. A campanha da Vera à presidente está, justamente, a serviço desse programa, dessa organização e dessa luta.





SOLIDARIEDADE

Comboio operário vai à Ucrânia e entrega apoio à resistência



DA REDAÇÃO

No último dia 29 de abril, um comboio operário chegou à Ucrânia para levar apoio à resistência que luta contra a invasão russa.

Cerca de 800 quilos de doativos foram entregues diretamente ao presidente do Sindicato Independente dos Metalúrgicos e Mineiros da cidade de Kryvyi Rih, Yuri Petrovich, para a população daquela região. A iniciativa é de entidades integrantes da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas e reuniu sindicalistas e ativistas de diversos países, como França, Itália, Polônia, Lituânia e Áustria, além do Brasil. Kryvyi Rih é o centro industrial do país e tinha cerca de 615 mil habitantes. Atualmente, a cidade está a 60km de distância das tropas russas. Petrovich relatou aos sindicalistas brasileiros que mais de 3 mil filiados ao sindicato se alistaram nas forças de resistência.

Herbert Claros, operário da Embraer e membro da CSP-Conlutas, explica que apesar dos riscos, a iniciativa contou com o apoio logístico da organização Sotsyalnyi-Rukh. "Todas as organizações se encontraram em Var-

sóvia, na Polônia, e seguimos para Lviv [oeste da Ucrânia]. Fomos em seis, e estávamos tensos para cruzar a fronteira e até pensamos que a gente poderia ser barrado. Mas na verdade foi o contrário. Quando passamos com a van na fronteira e falamos que a gente ia ajudar a resistência, o povo ucraniano logo demonstrou uma enorme simpatia que estava estampada no rosto das pessoas."

TRANQUILIDADE APARENTE

O comboio priorizou o envio de itens de emergência que foram pedidos pelos sindicalistas ucranianos, tais como remédios, kits de primeiros socorros, comidas secas, alimentos prontos para bebês, além de baterias e geradores, recursos necessários em situação de escassez crítica no abastecimento de alimentos e medicamentos, além de energia e aquecimento.

Apesar dos intensos bombardeios russos, Lviv tem sido uma das cidades menos castigadas pela Rússia, devido ao seu afastamento do fronte da guerra, localizado no leste do país. "Mas a tranquilidade era só aparente. Todos os dias em que estávamos lá, a gente ouvia o toque das sirenes alertando sobre bombardeios", explica Fábio Bosco, que também



Delegação da CSP-Conlutas na Ucrânia

representou a CSP-Conlutas no comboio.

Logo após encontrar os ativistas ucranianos, os integrantes do comboio realizaram uma atividade em comemoração ao 1º de maio, Dia Internacional de Luta da Classe Trabalhadora, que aconteceu no Palácio Municipal de Cultura de Lviv. A atividade contou com mais de 50 pessoas. Desses, 19 estrangeiras, que colaboraram com a iniciativa de solidariedade internacional. Nesse dia, a delegação estrangeira escutou vários relatos sobre as atrocidades testemunhadas pelos ucranianos. "Um companheiro do sindicato

dos ferroviários de Kherson explicou que as famílias no entorno da cidade só podem cruzar os checkpoints russos para comprar medicamentos e alimentos se pagarem propina aos soldados", explicou Fábio Bosco.

"NÃO EXISTE UM SETOR DE MASSAS DE EXTREMA DIREITA NO PAÍS"

Para justificar a guerra, Putin difundiu a mentira de que a guerra é contra o nazismo na Ucrânia, uma calúnia que é repetida à exaustão pelas organizações stalinistas, tais como o PCB e setores do PT. "Ficamos três dias em Lviv e não vimos sequer um símbolo nazifascista. Eu, inclusive, passei por vários bairros para chegar até o local do galpão onde armazenamos os suprimentos do comboio. É uma grande mentira que os setores nazifascistas têm peso de representação na população. É uma narrativa falaciosa e cruel para justificar a agressão de Putin e das forças armadas russas. O mais lamentável é que uma grande parte da dita esquerda brasileira sustenta esse embuste", explica Paulo Barela, da coordenação nacional da CSP-Conlutas.

"Quando eu perguntava aos ucranianos sobre os neonazistas do país, eles faziam uma cara assim: 'pô,

vocês tão me tirando!'. Não existe um setor de massas de extrema direita no país, e foi muito difícil explicar pra eles que um setor do PT apoia o Putin e repete que a Ucrânia é nazista. Quando contei isso, eles simplesmente ficaram horrorizados por ter setores da esquerda apoiando um ditador como o Putin", explicou Herbert.

MANTER E FORTALECER O INTERNACIONALISMO

"E o apoio precisa ser não somente mantido como fortalecido cada vez mais. O que precisamos fazer é arrecadar dinheiro para mandar para apoiar a resistência", explica Herbert. "Precisamos falar sobre isso nas assembleias e reuniões sindicais e em todos os nossos canais de comunicação", conclui. "Nossa ajuda vai para os sindicatos que estão na resistência contra a invasão. Isso fortalece um setor da esquerda ucraniana que luta contra Putin, que exige do imperialismo a suspensão da dívida externa ucraniana e que também luta contra o governo Zelensky, do qual eles não têm nenhuma confiança", disse Fábio Bosco. Nos próximos dias, lembram os sindicalistas, a CSP-Conlutas vai discutir a continuidade da campanha de solidariedade ao povo ucraniano.



APONTE SE U CELULAR
PARA O QR-CODE E
ASSISTA A LIVE!



Depois do maio de 1968 na França, ideias pós-modernas ganharam força na esteira do desgaste do stalinismo que desfigurou o marxismo.



Herbert Claros

Fabio Bosco



CONTRA O FECHAMENTO DA FÁBRICA

Operários da Caoa Chery acampam em frente à sede da montadora

DA REDAÇÃO

Operários e operárias da montadora Caoa Chery iniciaram, na última sexta-feira, 6 de maio, um acampamento contra o fechamento da fábrica e em defesa dos empregos. A empresa anunciou a parada de produção e a demissão dos trabalhadores em reunião com os representantes do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região (SP) na quinta-feira, dia 5. O acampamento segue firme e tem recebido apoio de diversas entidades sindicais, estudantis e populares, assim como de figuras públicas.

AMEAÇA DE DEMISSÕES

A proposta da Caoa Chery é demitir todos os trabalhadores e pagar mais três meses de salários. Serão cerca de 480 operários e operárias demitidos, sendo 370 da linha de produção. Essa proposta foi rejeitada pelos tra-



balhadores na assembleia. Na mesma assembleia, foi aprovada uma campanha política em defesa da permanência da fábrica na cidade de Jacareí (SP) e pela manutenção dos empregos.

“Como ocorre com outras multinacionais, a Caoa Chery se instalou no Brasil recebendo isenções de impostos. Após ex-

plorar a mão de obra local, com baixos salários e pouquíssimos direitos, quer fechar as portas e deixar os trabalhadores à mercê da crise econômica que assola o país”, denuncia Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região e militante do PSTU.

NÃO É A PRIMEIRA

Essa não é a primeira montadora que anuncia o fechamento durante o processo de desindustrialização pelo qual passa o Brasil. O mesmo aconteceu com a Ford e a Toyota.

“A nossa luta será pela manutenção da fábrica na cidade. Se a empresa insistir com o fechamento, vamos exigir a



O presidente do Sindicato, Weller Gonçalves

estatização sob controle dos trabalhadores para que, assim, nosso país produza um carro 100% nacional. Cobraremos o governo em relação a isso. Vamos repetir a luta dos trabalhadores da Avibras, que conseguiram reverter centenas de demissões”, pontua o presidente do Sindicato.

Nesta quarta-feira, dia 11, será realizada uma nova assembleia. Vera, pré-candidata à Presidência do Brasil pelo PSTU, estará presente, levando o apoio e a solidariedade do partido às operárias e operários da Caoa Chery.

CONFIRA

Propostas dos trabalhadores

Na assembleia foram aprovadas as seguintes propostas:

- Realizar uma luta política pela permanência da fábrica em Jacareí;
- Montar acampamento na porta da fábrica;
- Exigência de licença remunerada a todos os trabalhadores no mês de maio;
- Layoff (suspenção temporária dos contratos) durante cinco meses, de junho a outubro, com mais três meses de estabilidade.

RECORDE DE VENDAS

Caoa Chery vendeu 97% a mais em 2021

Em 2021, a Caoa Chery bateu recorde de vendas, com 39.746 emplacamentos ao longo do ano. Isso representa um crescimento de 97% na comparação com 2020, enquanto o mercado brasileiro de automóveis cresceu apenas 3% no período.

Esse cenário demonstra que a empresa tem plenas condições de manter os

empregos e direitos em Jacareí, para que o Sindicato, ao lado dos metalúrgicos, siga com o processo de negociação contra a demissão em massa.

Somente no terceiro trimestre do ano passado, a montadora contratou cerca de 280 empregados na planta de Jacareí, justamente para suportar a alta perspectiva de produção



para 2022, cuja expectativa de vendas é de 20 mil unidades a mais que no ano passado.